

Carta de Análise

Econômica Conjuntural

1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A economia brasileira vive no compasso de espera monitorado pelas ações do governo que continua trabalhando no sentido de manter a inflação controlada, hoje já numa expectativa de crescimento maior do que o esperado.

Apesar disso, a inflação tem apresentado taxas mensais crescentes nos últimos meses, atingindo 5,48% no acumulado nos últimos 12 meses.

Na tentativa de evitar patamar de crescimento ainda maior o governo vem administrando os preços dos combustíveis, mantendo-os a preços abaixo do que seria o ideal, o que trará problemas futuros na própria taxa de inflação na época de seu ajuste e impede, no presente, a possibilidade de novos investimentos pela própria Petrobras.

Por outro lado, o governo não conseguiu atingir sua meta de resultado primário, cujo montante gerado até setembro -2012 foi 27,2% inferior ao do mesmo período em 2011.

Tal resultado é fruto do arrefecimento da arrecadação em função de um crescimento econômico menor do que o esperado e das políticas de estímulos à produção através de subsídios (renúncias fiscais) e da elevação de gastos do governo.

2 – SUPERÁVIT PRIMÁRIO MENOR ESSE ANO

Prof. Flávio Riani

As políticas de incentivos fiscais, a diminuição no ritmo de crescimento da economia e o aumento nos gastos do governo, têm resultado na obtenção de um superávit primário menor no acumulado até setembro de 2012.

Dados da tabela 1 destacam a arrecadação líquida e as despesas do tesouro (Governo Federal) acumulados até set.2012.

Tabela 1 - Brasil - Tesouro - Resultado Primário
Acumulado até Setembro 2011 e 2012

Especificação	2011 (A)	2012 (B)	Var.% B/A
Receita Líquida (1)	600,9	642,4	6,91
Despesas (2)	525,6	587,7	11,82
Resultado Primário (1-2)	75,3	54,8	- 27,22

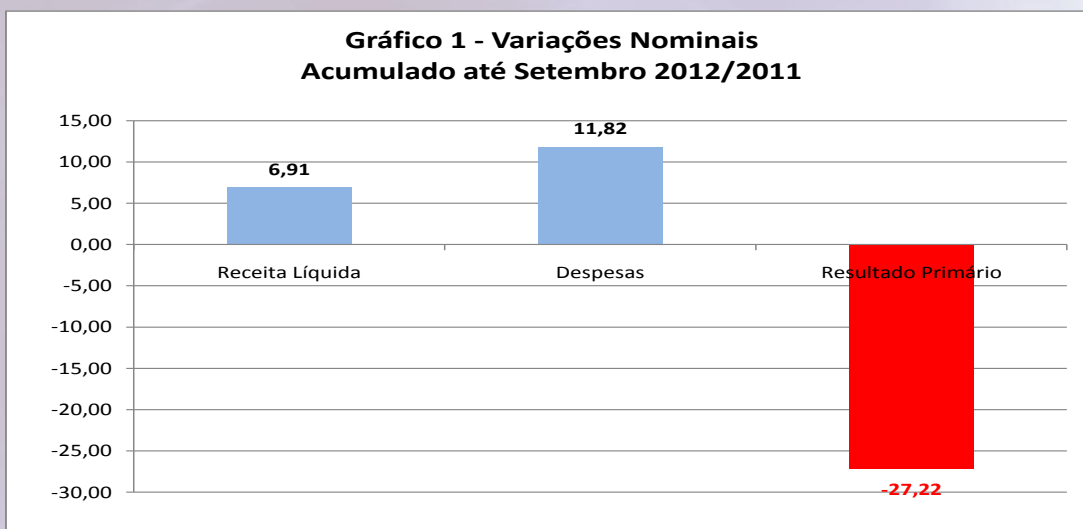
Fonte: Tesouro - Ministério da Fazenda

– EXPEDIENTE –

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: *Grão-Chanceler* – Dom Walmor Oliveira de Azevedo | *Reitor* – Professor Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães | *Vice-Reitora* – Professora Patrícia Bernardes | *Assessor Especial da Reitoria* – Professor José Tarcísio Amorim | *Chefe de Gabinete do Reitor* – Professor Paulo Roberto Souza | *Chefia do Departamento de Economia* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação do Curso de Ciências Econômicas* – Professora Ana Maria Botelho | *Coordenação Geral* – Professor Flávio Riani e Professor Ricardo F. Rabelo

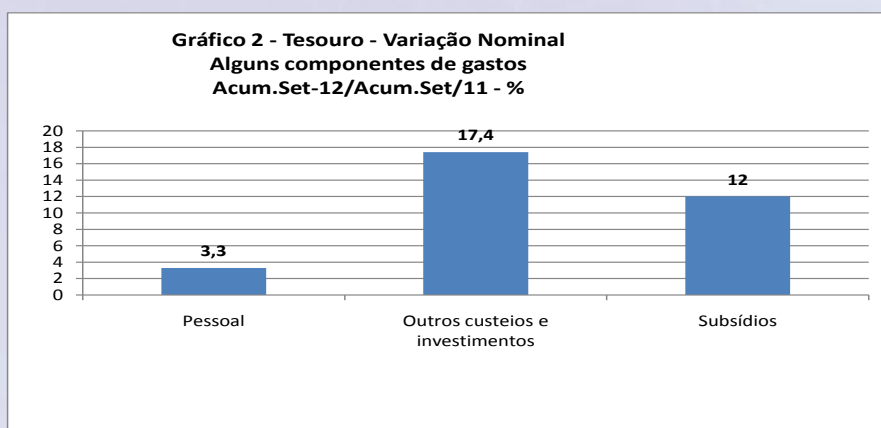
Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais: Prédio 14, sala 103 | Avenida Dom José Gaspar, 500 | Bairro Coração Eucarístico
CEP: 30535-901 | Tel: 3319.4309 | www.pucminas.br/iceg/conjuntura | icegdigital@pucminas.br

Os dados da tabela 1, destacados também no gráfico 1, mostram que enquanto as receitas líquidas do governo aumentaram nominalmente 6,91%, as despesas governamentais tiveram acréscimos superiores a 11,8%. O resultado foi a obtenção de um superávit menor em 2012 comparativamente ao alcançado em 2011.



Fonte : Dados básicos tabela 1.

A análise pouco mais apurada das despesas do Governo Federal detecta três fatores importantes na composição dos gastos do governo que apresentaram comportamentos diferenciados, no que se refere aos aumentos observados no período em tela.

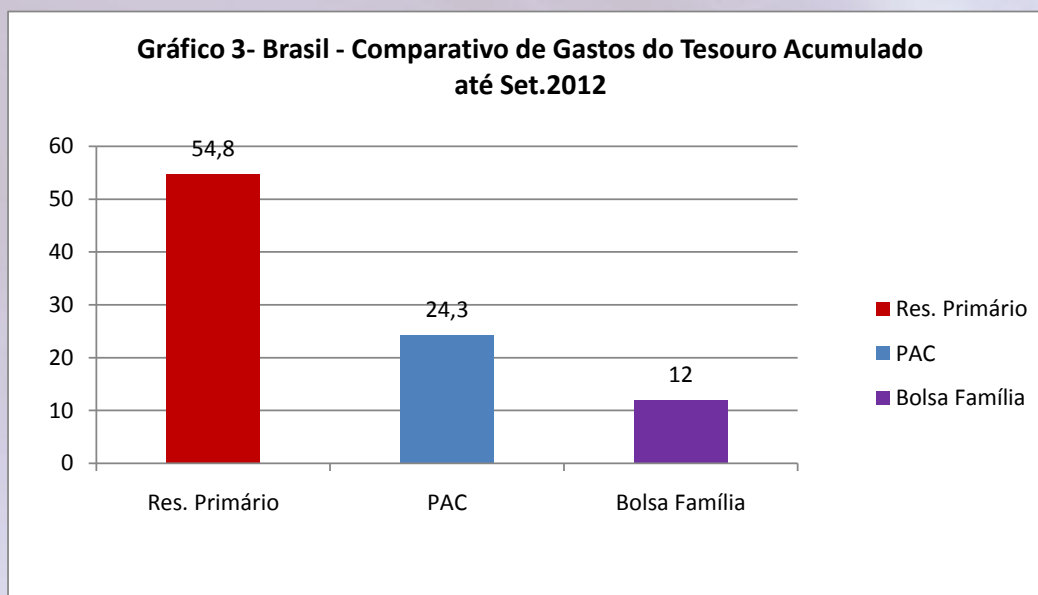


Os valores constantes do gráfico 2 mostram que os gastos com pessoal elevaram-se numa proporção inferior ao IPCA do período. Os 3,3% nominais de acréscimos nas despesas com o funcionalismo, além de revelarem perdas reais para a inflação do período, foram muito inferiores aos gerados pelos outros custeios e investimentos e pelos

subsídios. Deve-se ressaltar que a elevação, nesses dois últimos itens, principalmente o penúltimo, teve uma influência política significativa, em função das eleições municipais.

Apesar desses fatores, e de outros que demandam decisões políticas gerenciais, fica evidenciada a prioridade no objetivo de geração de resultados para cumprir os compromissos “indissolúveis” da dívida pública.

Tal fato fica evidente quando se compara o volume de recursos destinado ao pagamento de parte dos juros da dívida com os valores destinados à bolsa família e ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), destacados no gráfico 3.



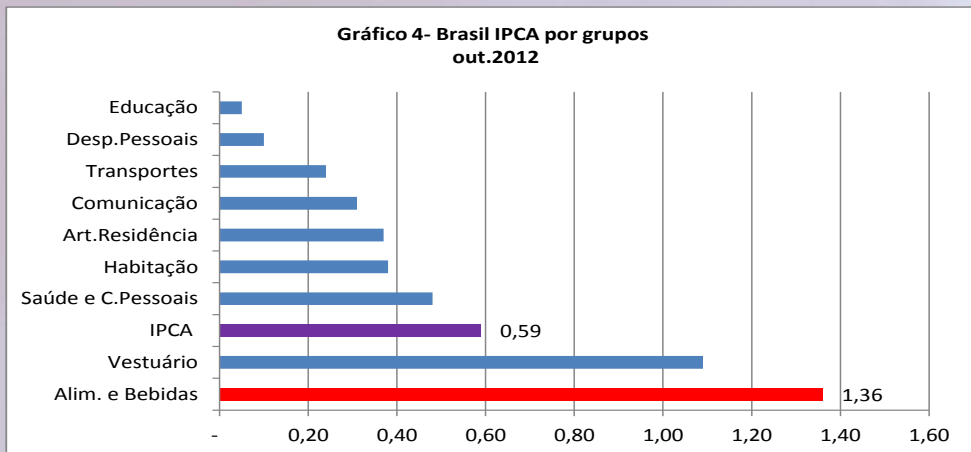
3 - ALIMENTOS CONTINUAM COMO DESTAQUE NA INFLAÇÃO EM SETEMBRO

Prof. Flávio Riani

Seguindo o comportamento dos últimos meses, também em outubro, o item Alimentação e Bebidas foi o que mais cresceu pressionando a taxa média de inflação.

Conforme mostra o gráfico 4, enquanto a taxa de inflação medida pelo IPCA ficou em outubro em 0,59%, os alimentos tiveram elevação de 1,36%.

O resultado da Alimentação e Bebidas foi tão expressivo que apenas ele mais o do item vestuário, foram capazes de elevar significativamente a taxa de inflação, já que as dos demais itens foram todos abaixo da média.



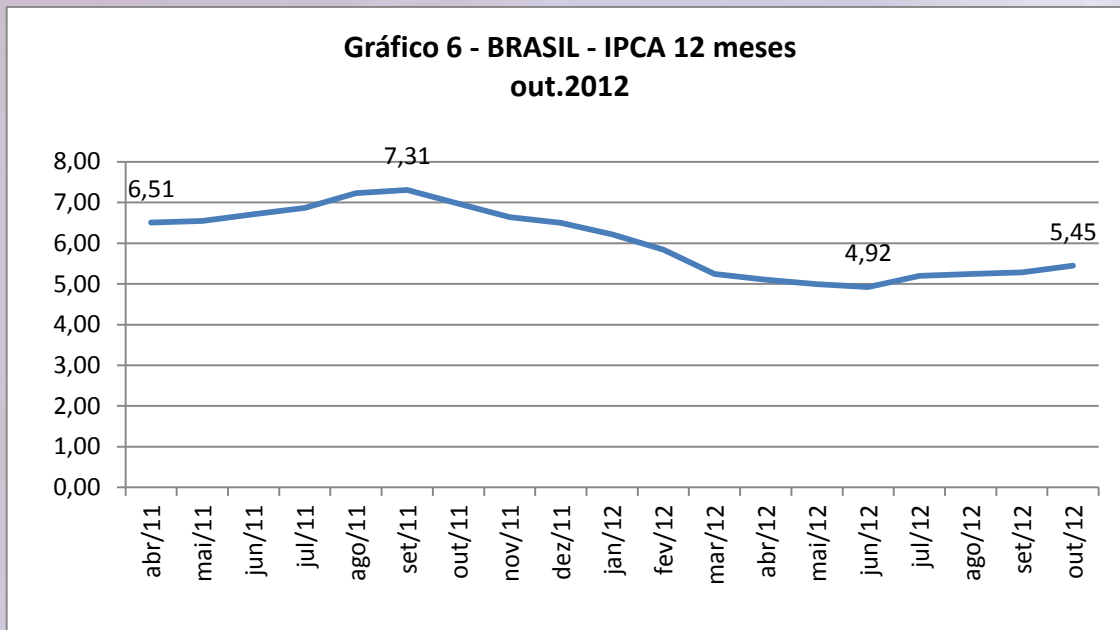
A elevação dos preços dos itens que compõem a Alimentação e Bebidas têm se destacado ao longo desse ano com impactos mais elevados nos últimos meses. Conforme pode ser observado no gráfico 5 , em todas as regiões apuradas, os índices de elevação de preços desse item superam o índice médio da inflação, sendo que no nordeste ele é quase 2,5 vezes superior.



Conforme já mencionado no boletim anterior, o governo vem utilizando diversos artifícios para controlar a inflação e já trabalha com um patamar superior à meta estabelecida nos orçamentos que era de 4,5%.

Hoje o governo não destaca mas se satisfaz com taxas de INPC próxima a 5,4% , ainda abaixo do limite superior da meta.

O gráfico 6 destaca a evolução das taxas de inflação acumuladas nos últimos dozes, chamando a atenção a trajetória crescente apresentada a partir de junho-2012.



4- PIB em crescimento mostra continuidade, em ritmo lento, da recuperação do crescimento econômico.

Prof. Ricardo F. Rabelo

Os resultados do PIB do 3º. Trimestre, divulgados no último dia de novembro, mostram um crescimento de 0,6% em relação ao 2º trimestre de 2012. Este crescimento está acima daquele registrado na comparação entre o 2º. e o 1º Trimestres, que foi de 0,2% no ajuste feito pelo IBGE nos resultados preliminares de 0,4%. No entanto, está abaixo da previsão dos analistas, que oscilou entre 0,9% e 1,2%.

O setor que demonstrou melhor desempenho foi a agropecuária, que teve um crescimento de 2,5%. A indústria teve um crescimento expressivo de 1,1%, embora, como analisamos nesta Carta, houve uma queda no crescimento da indústria em setembro.

Os serviços, surpreendentemente, tiveram variação nula. Quando comparamos estes resultados com o 3º. Trimestre de 2011, o PIB cresceu 0,9% sendo que a agropecuária mantém-se em 1º. lugar , com crescimento de 3,6%, enquanto que o setor de serviços avançou 1,4%. Nestes termos de comparação a indústria aparece com uma queda de 0,9%.

Considerando o resultado acumulado nos quatro trimestres de setembro de 2011 a setembro de 2012, o crescimento foi de 0,9% em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Já resultado acumulado dos três primeiros trimestres de 2012, mostra crescimento do PIB de 0,7% em relação à mesmo período de 2011.

Análise do PIB: Oferta e Demanda

Analisando o Pib do 3º. Trimestre comparado com o do 2º., na ótica da oferta, vemos que o maior crescimento foi da agropecuária (2,5%). Na indústria houve aumento de 1,1%, enquanto os serviços registraram taxa de variação nula.

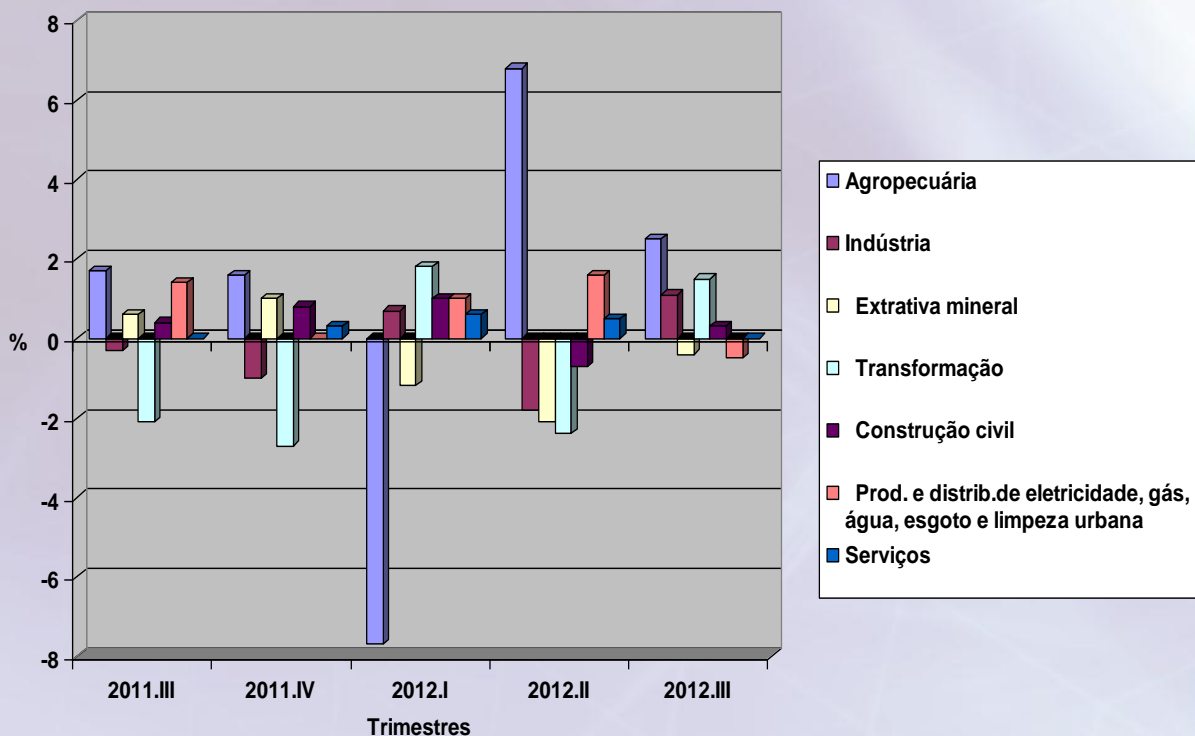
O crescimento da indústria foi determinado principalmente pelo crescimento da indústria de transformação, que teve uma expansão de 1,5%, e pela construção civil, que cresceu 0,3%. As outras atividades apresentaram recuo: extrativa mineral -0,4% e eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-0,5%).

Já no setor de serviços, cresceram mais os serviços de informação (0,5%), comércio (0,4%), atividades imobiliárias e aluguel (0,4%) e outros serviços (0,3%). Administração, saúde e educação pública (0,1%) e transporte, armazenagem e correio (-0,1%) mostraram estabilidade. O setor de Intermediação financeira e seguros surpreendeu registrando queda de 1,3%.

O Gráfico 7 mostra a evolução do PIB na ótica da oferta, mostrando o bom desempenho da agropecuária e da indústria e o crescimento nulo do setor de serviços.

Gráfico 7

PIB 3o. Trimestre 2012 - Oferta



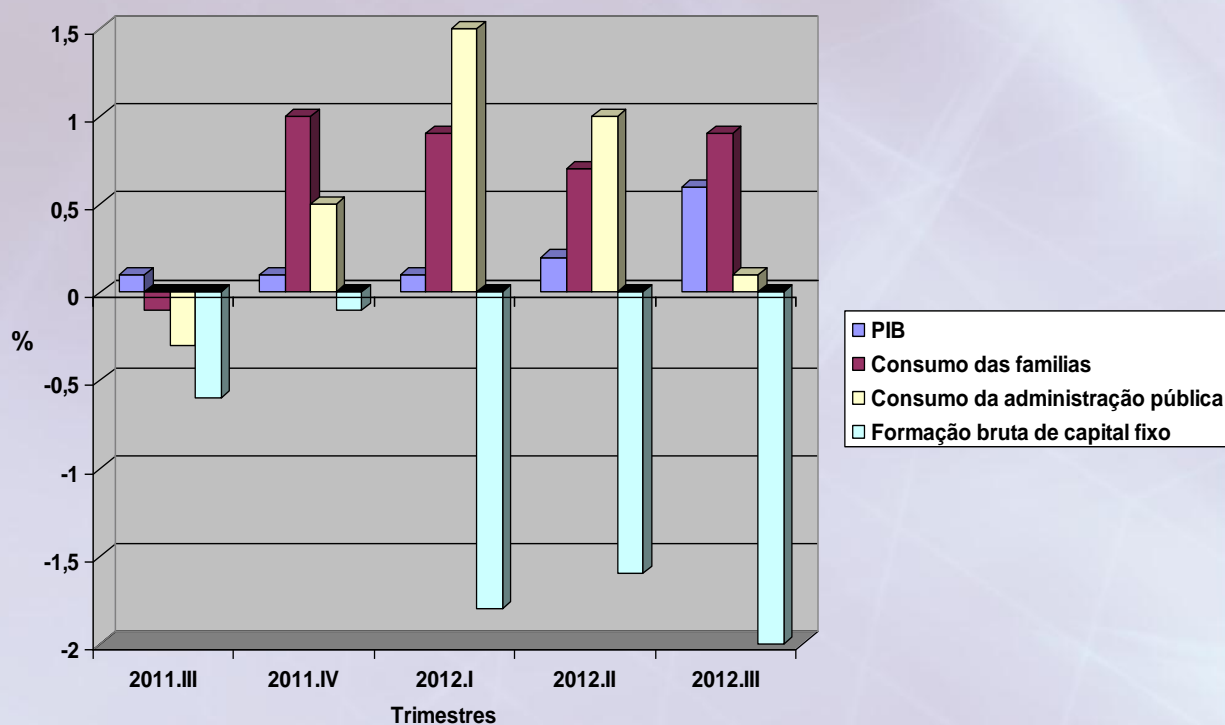
Fonte: IBGE

Já sob a ótica da demanda, a despesa de consumo das famílias elevou-se em 0,9%, ao mesmo tempo em que a despesa de consumo da administração pública permaneceu estável.(0,1%). Este comportamento do PIB está retratado no gráfico 8 , que mostra o comportamento recente também dos investimentos, a Formação Bruta do capital fixo.

Revelando a grande debilidade atual da economia brasileira está o desempenho dos investimentos. A formação bruta de capital fixo, que reflete o nível de investimentos da economia apresentou pela quinta vez, um crescimento negativo com queda de 2,0%. No que se refere ao setor externo, as exportações de bens e serviços variaram positivamente em 0,2%, enquanto que as importações caíram 6,5%.

Gráfico 8

PIB - 3o. Trimestre de 2012 - Demanda



Fonte: IBGE

5 - Produção Industrial: Marcha à ré na recuperação?

Prof. Ricardo F. Rabelo

Invertendo uma evolução que, desde junho apontava uma recuperação, a produção industrial, de acordo com dados divulgados pelo IBGE, desacelerou novamente em setembro. Neste mês, a produção industrial teve um decréscimo de 1,0% frente ao mês de agosto, depois de apresentar taxas de crescimento positivas por três meses seguidos acumulando uma expansão de 2,2%. Por outro lado, se compararmos o resultado com o mês de setembro de 2011, a indústria recuou 3,8% em setembro de 2012.

Tabela 2

Indicadores Conjunturais da Indústria Segundo Categoria de Uso - Setembro/2012

Categorias de Uso	Variação (%)			
	Set/Ago*	Set 12/Set 11	Acum no ano	Acum. 12 meses
				12 meses
Bens de Capital	-0,6	-14,1	-12,4	-9,6
Bens Intermediários	-1,1	-3	-2,2	-1,9
Bens de Consumo	-0,1	-1,1	-2	-2,3
Duráveis	-1,4	2,9	-6,2	-7
Semiduráveis e Não Duráveis	0	-2,2	-0,6	-0,7
Indústria Geral	-1	-3,8	-3,5	-3,1

Fonte: IBGE

Esta evolução negativa da indústria pode ser captada também em termos trimestrais. No final do 3º. Trimestre de 2012, a produção industrial recuou 2,8% em relação a igual período de 2011. Em termos anuais, o acumulado até setembro teve uma redução de 3,5% comparado ao mesmos meses do ano passado. Considerando os doze meses de setembro de 2011 a setembro de 2012, o acumulado nos últimos doze meses, recuou 3,1%. A desaceleração atingiu a maioria -16- dos 27 ramos pesquisados, inclusive o importante setor de máquinas e equipamentos, que teve queda de 4,8%,

sendo este o segundo resultado negativo consecutivo, acumulando nesse período perda de 8,5%.

Já pelo critério das categorias de uso, ainda na comparação com o mês de agosto houve queda de 1,4% em bens de consumo duráveis e de 1,1% em bens Intermediários. No caso dos bens de consumo duráveis interrompeu-se uma seqüência de três meses de resultados positivos e que havia acumulado um crescimento de 9,0%. Já no que se refere aos bens intermediários, eliminou-se parte do acréscimo de 2,9% acumulado entre junho e agosto. O setor de bens de capital acompanhou a tendência geral e apresentou recuo de 0,6%, maior que o do mês anterior, que foi de 0,4%. Finalmente, a produção de bens de consumo semi e não duráveis permaneceu estável (0,0%), após registrar crescimento de 1,5% em agosto último.

Em Outubro, Produção Industrial volta a crescer

Apesar da queda em setembro, dados da Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que a produção industrial cresceu em outubro. O indicador de evolução da produção da CNI passou de 47,1 pontos em setembro para 54,9 pontos em outubro. Já a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) cresceu 3 pontos e chegou a 46,8 pontos o que mostra redução da ociosidade do setor. De acordo com a metodologia da pesquisa da CNI números acima de 50 pontos indicam evolução positiva das variáveis envolvidas.

De acordo com a CNI, o crescimento da produção está relacionado com o ajuste dos estoques do setor, que caíram. O indicador de estoques efetivos em relação ao planejado alcançou 50,5 pontos, resultado analisado como positivo.

Produção Industrial não acompanha desempenho do Comércio varejista

As vendas do varejo brasileiro cresceram 8,9% em termos reais nos três primeiros trimestres deste ano em relação a igual período do ano passado, comparado a uma

expansão de apenas 6,7% em 2011. Isto mostra de que o setor está apresentando uma aceleração do nível de atividade em 2012. Os dados são referentes ao "comércio restrito" de bens, não incluindo o comércio de automóveis, autopeças e de material de construção. Considerando o "varejo ampliado", que inclui estas atividades, o avanço no ano é inferior, mas, mesmo assim, muito importante: 7,8%.

Mesmo que o desempenho do último trimestre de 2012 seja menor, o resultado final deste ano será excelente porque se dá em um momento em que a economia crescerá no ano apenas 1,5% e que está ocorrendo um aumento modesto do crédito ao consumidor comparando-se com os anos de 2010 e 2011. O dinamismo do varejo é indicativo de que este reduzido crescimento econômico, não se deve à redução do consumo.

Esses dados mostram, também que a indústria brasileira continua em 2012 não demonstrando capacidade em atender ao mercado interno consumidor de bens, dando continuidade à substituição do produto nacional pelo importado apesar da taxa de câmbio mais favorável. Aparentemente, está sendo necessário um período de tempo mais amplo para que as várias medidas de incentivo à indústria produzam o efeito esperado de reduzir o custo da produção industrial e favorecer a competitividade da indústria.